

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

ANA ELINE RIBEIRO PEIXOTO

**OS RECURSOS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN**

**Parintins - AM
2021**

ANA ELINE RIBEIRO PEIXOTO

**OS RECURSOS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN**

Artigo científico apresentado ao Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, ICSEZ/UFAM, como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria das Graças Pereira Soares

**Parintins - AM
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Peixoto, Ana Eline Ribeiro

P379r Os recursos didáticos no processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down / Ana Eline Ribeiro Peixoto.2021

27 f.: 31 cm.

Orientadora: Maria das Graças Pereira Soares

TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Síndrome de Down. 2. Alfabetização e letramento. 3. Recursos.
4. Didáticos. I. Soares, Maria das Graças Pereira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

OS RECURSOS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

PEIXOTO, Ana Eline R.¹

SOARES, Maria das Graças P.²

RESUMO:

A alfabetização e o letramento são instrumentos primordiais para a formação integral da criança, uma vez que ampliam a interação com as múltiplas linguagens e desenvolvem as habilidades de leitura, escrita, oralidade e interpretação textual. A escola tem o desafio de alfabetizar todas as crianças, incluindo as crianças com deficiência. Esta pesquisa de abordagem qualitativa teve por objetivo investigar como os recursos didáticos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento da criança com Síndrome de Down no primeiro ano do Ensino Fundamental. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Freire (1984), Ludke e André (1986), Ferreiro e Teberoski (1991), Cruz (1997), Troncoso (1998), Schwartzman (1999), Moreira (2002), Mantoan (2003), Mills (2003), Kleiman (2005), Soares (2005, 2017), Haydt (2006), Freitas (2007), Gil (2008), Prodanov (2013), Lakatos e Marconi (2003), Lima (2016), Almeida (2017), Carvalho, M. D., et al. (2017). A pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2020 em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma Escola de Educação Especial localizada na cidade de Parintins-AM. Para a construção de dados utilizou-se observação participante das práticas alfabetizadoras de 8(oito) crianças com Síndrome de Down e aplicação de questionário para 3(três) professoras alfabetizadoras. Os resultados da pesquisa evidenciam que os recursos didáticos são instrumentos essenciais no processo de alfabetizar e letrar as crianças com Síndrome de Down, uma vez que facilitam e enriquecem as práticas alfabetizadoras, desde os recursos mais palpáveis como uma caixa sensorial ou uma pega vareta, aos recursos tecnológicos como os jogos educativos, porque contribuem tanto com a aquisição das habilidades de leitura e escrita quanto para a leitura de mundo dos alfabetizandos. Para tanto, é essencial nas práticas alfabetizadoras a utilização de diferentes recursos didáticos, considerando as especificidades e necessidades das crianças com Síndrome de Down.

Palavras - Chave: Síndrome de Down; Alfabetização e letramento; Recursos didáticos

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Campus Universitário, Parintins (AM). E-mail: ae.peixoto06@gmail.com

² Doutora em Educação e Professora de Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Campus Universitário, Parintins (AM). E-mail: mgpssoares@hotmail.com

ABSTRACT:

Literacy and literacy are social roles for children that are essential for effective learning, as it is in the former that children expand their interaction with multiple languages and develop skills in reading, writing, textual interpretation and other languages. Thus, the school has the challenge of making all children literate, including children with disabilities. This qualitative approach research aimed to investigate how teaching resources can contribute to the literacy and literacy process of children with Down syndrome in the first year of elementary school. The research is based on studies by Freire (1984), Ludke and André (1986), Ferreiro and Teberoski (1991), Cruz (1997), Troncoso (1998), Schwartzman (1999), Moreira (2002), Mantoan (2003), Mills (2003), Kleiman (2005), Soares (2005, 2017), Haydt (2006), Freitas (2007), Gil (2008), Prodanov (2013), Lakatos and Marconi (2003), Lima (2016), Almeida (2017), Carvalho, MD, et al. (2017). The field research was carried out in a class of the first year of Elementary School of a Special Education School, which seeks to assist children, young people and adults with the most diverse disabilities located in the city of Parintins-AM from February 2nd to 13th, 2020. Participant observation of literacy practices of 8 (eight) children with Down's Syndrome and application of a questionnaire to 3(three) literacy teachers were used for data construction. The research results show that didactic resources are essential tools in the process of literacy and literacy for children with Down Syndrome, as they facilitate and enrich literacy practices, from the most tangible resources such as a sensory box or a stick handle, to technological resources such as educational games, because they contribute both to the acquisition of reading and writing skills and to the reading of the world of literacy students. Therefore, it is essential in literacy practices to use different teaching resources, considering the specificities and needs of children with Down Syndrome.

Palavras - Chave: Down syndrome; Literacy and Literacy; Didactic resources

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é primordial no desenvolvimento linguístico das crianças, assim como na inclusão das crianças com deficiências. E, para a criança com Síndrome de Down o processo de alfabetização e letramento acontece de forma progressiva pois, este processo é mais lento, requerendo do professor uma formação que possibilite estimular o aprendiz para o desenvolvimento das habilidades linguísticas de maneira significativa.

Segundo o Ministério da Saúde/Diretrizes de Atenção as pessoas com Síndrome de Down (BRASIL, 2012), a Síndrome de Down foi descoberta em 1866 pelo médico inglês John Langdon Down, a qual recebeu este nome em sua homenagem, também conhecida como trissomia do cromossomo 21. É considerada um distúrbio genético causado por um erro na divisão celular durante a divisão embrionária. É uma deficiência congênita, que pode ser diagnosticada ao nascimento do bebê, porém, com os avanços científicos, das novas tecnologias e dos procedimentos de ultrassonografia, esta síndrome pode ser identificada quando a mãe está em sua décima segunda semana de gestação. De acordo com o Movimento

Down (Brasil, 2013)³ início do ano de 2013, alguns laboratórios brasileiros começaram a oferecer um exame de sangue capaz de detectar alterações cromossômicas, como a síndrome de Down. A amostra é colhida no consultório e analisada nos Estados Unidos, onde é realizada uma análise do material genético do feto que circula no sangue da mãe.

Quanto a educação das crianças com deficiências, elas devem ser inclusas no ambiente escolar, assim como todas as crianças, mas para que isto ocorra o ambiente escolar precisará organizar-se para recebê-las com estrutura adequada e recursos didáticos que as propiciem uma aprendizagem significativa. Desta forma, a escola tem o grande desafio de incluir e alfabetizar estas crianças por meio de práticas alfabetizadoras que lhes proporcionem a interação com outras crianças e o desenvolvimento linguístico, já que a aquisição da linguagem para o sujeito com Down é primordial a partir da Educação Infantil. Neste sentido, é necessário que estes sujeitos participem de diferentes atividades que estimulem o uso e desenvolvimento da linguagem envolvendo brincadeiras, rodas de conversas, cantigas de rodas, parlendas, músicas com o auxílio de diferentes recursos didáticos.

Mantoan (2003), explica que as crianças com Down são ótimas imitadoras e são capazes de compreender e absorver tudo o que o meio tem a lhes oferecer. Diante disso, é possível dizer que para o processo de alfabetização e letramento destas crianças é necessário um acompanhamento específico, ou seja, com um professor com formação profissional adequada, com o intuito de contribuir com o desenvolvimento integral da criança nos aspectos cognitivo, motor, social, linguístico. Todavia, quando se trata de alfabetização e letramento de crianças com Síndrome de Down, os alfabetizadores devem ter conhecimento sobre a síndrome, bem como compreender que este processo acontece de forma lenta, acarretando uma demora na aquisição da leitura, interpretação e escrita.

No ano de 2019 obtive a oportunidade de realizar a iniciação científica no Curso de Pedagogia/Instituto de Ciências Sociais Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), um momento de conquistas, felicidade. O primeiro destaque a ser ressaltado nesta experiência foi a escolha do tema da pesquisa, pois, almejava-se fazer um estudo voltado a estudantes com deficiências ou transtornos. Conforme a Organização Mundial de Saúde (1997),⁴ “deficiência é uma perda ou anormalidade de uma parte do corpo

³Movimento Down. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/06/diagnostico-da-sindrome-de-down-durante-a-gravidez/>. Acessado em 28 de jul de 2021.

⁴ Política Nacional de Saúde da pessoa com deficiência. Disponível: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizConsolidacao/comum/37518.html>. Acessado em 29 de jul de 2021.

(estrutura) ou função corporal (fisiológica), incluindo as funções mentais”; Instituto NeuroSaber (2020) transtorno é definido como ato ou efeito de transtornar, bagunçar, desorganizar, desordenar. Ou seja, deficiência e transtorno se diferem quando se trata da forma como se é concebida, deficiência pode ser adquirida enquanto que o transtorno pode ser visto como uma desorganização mental, emocional, de personalidade e etc.

A escolha do tema da pesquisa deu-se a partir do convívio com crianças com Down em uma escola de ensino particular no Município de Parintins - AM, despertando-me a atenção e o interesse sobre o processo de alfabetização e letramento dessas crianças na escola. Diante disso, apresentou-se como problema de pesquisa: como os recursos didáticos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down?

Segundo o Instituto Neuro Saber⁵, assim como ocorre nas síndromes, os transtornos não têm uma única causa e podem ser resultado de déficits biológicos e/ou psicológicos. As alterações mentais — ou os transtornos — apresentam sintomas como o de uma doença.

A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e tem por objetivo geral investigar como os recursos didáticos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento da criança com Down no primeiro ano do Ensino Fundamental; e objetivos específicos: Identificar quais os recursos didáticos utilizados pelo professor para o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down; e Descrever como deve ser o ambiente alfabetizador, bem como os recursos didáticos que contribuem para o processo de alfabetização e letramento dos alunos com Síndrome de Down.

A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Freire (1984), Ludke e André (1986), Ferreira e Teberoski (1991), Cruz (1997), Troncoso (1998), Schwartzman (1999), Moreira (2002), Mantoan (2003), Mills (2003), Lakatos e Marconi (2003), Kleiman (2005), Soares (2005, 2017), Haydt (2006), Freitas (2007), Gil (2008), Prodanov (2013), Lima (2016), Almeida (2017), Carvalho, M. D., et al. (2017).

A pesquisa de campo ocorreu no período de 02 a 13 de março de 2020 no turno matutino em uma escola de educação especial da cidade de Parintins- AM. A instituição atende crianças, jovens e adultos com diferentes deficiências, oriundas de diversos bairros da cidade. Os sujeitos da pesquisa foram 8(oito) crianças do primeiro ano do Ensino

⁵Instituto NeuroSaber. Disponível: <https://institutoneurosaber.com.br/qual-a-diferenca-entre-sindrome-e-transtorno/>. Acessado em 27 de jul de 2021.

Fundamental e 3 (três) professoras alfabetizadoras e, para a construção dos dados observou-se as práticas alfabetizadoras das crianças com Down e aplicou-se questionário para as professoras alfabetizadoras, contendo 13 (treze) perguntas referentes ao processo de alfabetização e letramento e aos recursos didáticos utilizados nas práticas alfabetizadoras.

Na fundamentação teórica serão abordados os seguintes tópicos: Síndrome de Down: origem e caracterização das crianças; Alfabetização e Letramento da criança com Síndrome de Down: estratégias pedagógicas; Recursos didáticos no processo de Alfabetização e Letramento dos alunos com Síndrome de Down. Na metodologia apresenta-se o tipo de pesquisa, lócus e sujeitos da pesquisa, instrumentos utilizados para a obtenção de dados da referida pesquisa.

Na análise e discussão dos resultados buscou - se discutir os seguintes pontos: Escola de Educação Especial: atividades cotidianas e ambiente educativo das crianças com Síndrome de Down; Recursos utilizados e Letramento da criança com Síndrome de Down; Recursos e estratégias para o processo de Alfabetização e Letramento.

Nas Considerações finais apresenta-se a relevância da pesquisa, resultados obtidos considerando os desafios e as conquistas durante o percurso de desenvolvimento da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SÍNDROME DE DOWN: ORIGEM E CARACTERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS COM DOWN

Segundo a Associação Baiana de Síndrome de Down⁶, esta síndrome foi descoberta em 1866 pelo médico inglês John Langdon Down, cuja síndrome recebeu o nome em homenagem ao descobridor, conhecida também como trissomia do cromossomo 21, sendo caracterizada como uma anomalia genética ou um erro na divisão celular causado pelo excesso de material genético e, um dos fatores para que isso ocorra é a idade avançada da mãe após os 35 anos de idade, devido ao envelhecimento de seus óvulos, assim como de seu corpo. O que não justifica a ocorrência em famílias onde a mãe tem idade inferior a 35 anos (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE SÍNDROME DE DOWN-FBASP).

Cruz (1997), afirma que no âmbito da genética existem três tipos de Síndrome de Down: 1) *Trissomia simples*, quando são observados três cromossomos no par 21, a pessoa

⁶ Associação Baiana de Síndrome de Down. Disponível: <https://federacaodown.org.br/member/ser-down/>. Acessado: em 28 de set de 2019.

com 47 cromossomos em vez de 46; 2) *Translocação*, quando se observa a trissomia em outros pares como no 22 ou no 14; 3) *Mosaicismo*, quando a divisão do óvulo fecundado fica com 47 e outras com 46 cromossomos. A Síndrome de Down só poderia ser detectada após o nascimento do bebê, mas com os avanços tecnológicos e da medicina, nos dias atuais, a mesma pode ser identificada na décima segunda semana de gestação, o que contribui para a preparação do ambiente familiar para receber esta criança com as adaptações necessárias para seu desenvolvimento e aprendizagem.

As crianças com Síndrome de Down possuem características únicas que podem ser observadas com clareza, para Schwartzman (1999),

As principais alterações orgânicas que acompanham a Síndrome são: cardiopatias, prega palmar única, baixa estatura, atresia duodenal, comprimento reduzido do fêmur e úmero, bexiga pequena e hiperecongenica, ventriculomegalia cerebral, hidronefrose e disformismo da face e ombros. Assim, como outras características como mãos pequenas, pescoço curto, língua prontusa e, etc. Embora todas as suas peculiares características, a criança com Síndrome de Down é capaz de conviver e aprender como todas as outras pessoas.

A criança com Down possui outros aspectos fundamentais a serem trabalhados no ambiente escolar como sua sexualidade, afetividade, interação com os demais sujeitos. Comenta-se que estes sujeitos possuem a sexualidade exagerada, na visão de Lima (2016, p. 29), “a sexualidade deles não é diferente da das outras pessoas, mas pude notar que a proteção excessiva dos pais ajudou a atrasar, a interferir e, em alguns casos, a impedir a vivência sexual”. Desta forma, a escola deve se tornar um ambiente onde questões como esta devem ser discutidas entre o corpo docente abrangendo as famílias dessas crianças, ou seja, é fundamental que no ambiente escolar as crianças com Down e as demais recebam orientação sexual adequada, podendo evitar posteriormente comportamentos inadequados.

Há pessoas que destacam que os sujeitos com Síndrome de Down possuem comportamentos agressivos, mas, na concepção de Lima (2016, p.15) é importante “pensar num trabalho que não reforce esse tipo de comportamento negativo, fazendo cartazes para ajudar a repensar as práticas de relação”. No contexto escolar, a criança com Síndrome de Down não deve ser apenas mais uma, mas fazer parte integralmente do processo de ensino - aprendizagem, como ser construtor de conhecimentos de si, do outro e do mundo que o cerca.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

A alfabetização é uma etapa primordial na vida de todas as crianças, as vezes entendida apenas como as habilidades de ler e escrever. Soares (2013, p. 13) diz que “o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua quanto o de seu

desenvolvimento; o termo não ultrapassa o significado de ‘levar’ à aquisição do alfabeto”. Ou seja, para ser alfabetizado não basta saber ler e escrever, Freire (1984, p.16) ressalta que:

[...]Mais que escrever e ler que a ‘asa é da ave’, os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de ‘escrever’ a sua vida, o de ‘ler’ a sua realidade, o que não será possível se não tomarem a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos.

Nessa fase, há dois processos indissociáveis alfabetização e letramento, que o educando seja capaz de interpretar além do que está escrito fazendo uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Soares (2017) evidencia que, no ambiente alfabetizador é importante que se faça uso não somente da faceta linguística, mas também da faceta interativa, envolvendo habilidades de compreensão e produção textual, como também da faceta sociocultural, envolvendo eventos sociais e culturais que englobam a escrita. Ou seja, na interação das três facetas se constituirá o alfabetizar letrando.

Kleiman (2005, p. 19), explica que “o letramento está relacionado ao uso da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna”. Desta forma, é possível dizer que o letramento está presente em diversas atividades recorrentes do dia a dia, como ler uma placa, um cartaz, um panfleto, bula de remédio, rótulos e, etc.

Corroborando Soares (2005) quando relata que, a alfabetização acontece quando a criança aprende o sistema convencional de leitura e escrita, enquanto que o letramento ocorre quando se desenvolve habilidades de uso desse sistema em práticas sociais que envolve a língua escrita. O processo de alfabetização e letramento estão entrelaçados e devem caminhar juntos, de forma que um não se sobreponha ao outro.

E, para a criança com Síndrome de Down esse processo é mais lento, e se torna mais difícil quando não há o conhecimento por parte dos professores de que ela pode aprender, porém, de maneira diferente dos ditos “normais”, exigindo um profissional com qualificação adequada e práticas educativas que possam contribuir com o desenvolvimento integral dessa criança. Conforme Ferreiro e Teberoski (1991), o processo de alfabetização é vagaroso e o aprendiz observa, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até chegar ao código alfabético. O ritmo de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down é diferenciado dos demais alunos e necessita que o professor busque métodos e recursos didáticos adequados para alfabetizar e letrar de forma significativa. Troncoso (1998, p. 70) afirma que:

Pessoas com SD têm atenção, percepção e a memória visuais como ponto fortes e que se desenvolvem com um trabalho sistemático e bem estruturado. Porém, se verificam dificuldades importantes na percepção e memória auditivas, que com frequência se agravam por problemas de audição agudos ou crônicos. Por essa razão,

a utilização de métodos de aprendizagem que tenham um apoio forte na informação verbal, na audição e interpretação de sons, palavras e frases, não é muito eficaz.

Para a autora a criança com Síndrome de Down possui a capacidade de se desenvolver e ser alfabetizada, desde que seja acompanhado por um trabalho bem planejado, sobretudo com métodos que agucem a percepção e a memória visual, a partir do concreto para o abstrato. Dessa forma, é fundamental que os planos de ensino sejam elaborados considerando o diagnóstico dos alunos. Na concepção de Lima (2016, p.42), “sugere-se que os profissionais reflitam sobre os objetivos que os alunos precisam alcançar, discutindo-os, e assim realizem a sua avaliação diagnóstica sobre o tipo de cidadão que se quer formar”.

É importante que as estratégias pedagógicas para alfabetizar e letrar criança com Síndrome de Down sejam formuladas tendo em vista a construção de sua identidade. Conforme Lima (2016, p.17), é possível trabalhar a identidade dos alunos com Síndrome de Down a partir das experiências de cada um deles e da forma como cada um é visto pela sociedade. A construção de suas identidades pode e deve ser trabalhada a partir dos ambientes que esses sujeitos ocupam. Para tanto, a escola de ensino público quanto do ensino privado tem o grande desafio de incluir e alfabetizar estas crianças através de propostas educativas significativas dando-lhes a oportunidade de convivência e aprendizagem com os demais alunos por meio de diferentes práticas pedagógicas que visam o desenvolvimento nos diferentes aspectos: cognitivo, afetivo, linguístico e motor.

Ao entrar na escola esta criança precisa ser ambientalizada no espaço escolar e estimulada para o desenvolvimento linguístico e do convívio social, o que facilitará mais tarde a construção do simbólico. Essa interação a levará a perceber a importância dos meios que facilitam sua comunicação com os outros. Para tanto, as práticas educativas como a roda de conversa, chamada oral, jogos, leitura de cartazes, atividades de autocuidados etc., são de fundamental importância, já que ajudarão no desenvolvimento da autonomia da criança como também no desenvolvimento da oralidade. É importante que essas crianças sejam vistas como pessoas capazes de ir além da sala de aula, além do saber ler e escrever, que sejam capazes de viver na sociedade e sentir-se parte dela.

Diante disso, é necessário que seja feito o uso de estratégias pedagógicas e de diversos recursos didáticos nas práticas alfabetizadoras para contribuir de forma eficaz no processo de alfabetização e letramento. Freitas (2007, p.14), ressalta que, “as estratégias de ensino são o modo de organizar o saber didático, apresentando diversas técnicas e recursos que possibilitem o alcance dos objetivos propostos para a atividade”.

Os estudos de Lima (2016, p. 12-24; 45), indicam algumas estratégias importantes para alfabetizar e letrar a criança com Síndrome de Down como:

Realizar diagnóstico com os alunos para com objetivo de mapear as dificuldades de cada um; Observação do comportamento de cada sujeito, verificando suas manias e estereotípias e elaboração de fichas para anotações dos comportamentos; Elaboração de cartazes com orientações para um bom comportamento: combinados, músicas, oração; Rodas de conversa com os alunos; Atividades orais e escritas e atividades matemáticas com relação aos números; Recitações. (LIMA 2016, p. 12-24;45)

Durante o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down, a autora salienta a importância de articular as estratégias pedagógicas citadas aos componentes curriculares e também por meio de projetos didáticos como horta na escola, respeito mútuo. Proporcionar as crianças diferentes estratégias simples e comuns visando seu desenvolvimento integral, considerando a formação de sua identidade enquanto sujeito, como cuidados com seu corpo, respeito pelos outros, boas atitudes e a aquisição e desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita, meios importantes para a construção do conhecimento, autonomia e inserção social.

2.3 RECURSOS DIDÁTICOS PARA ALFABETIZAR E LETRAR CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Na alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down é fundamental a utilização de recursos didáticos que possam contribuir e mediar o processo ensino-aprendizagem. Freitas (2007, p. 21), esclarece que “recursos ou tecnologias educacionais, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e sua aproximação do conteúdo”. Freitas (2007) ressalta que segundo a Associação Brasileira de Recursos, os recursos didáticos são classificados em:

Recursos visuais (álbum seriado, cartazes, exposição, fotografias, gráficos, gravuras, mapas, modelos, murais, quadro de giz, quadros, transparências); **recursos auditivos** (aparelho de som, CDs, rádio, CD – ROM, fitas) e **recursos audiovisuais** (filmes, diapositivos, diafilmes com som, televisão, programas para computadores com som, aparelho de DVD, computador). (FREITAS, 2007)

Nas práticas alfabetizadoras indica-se que os professores utilizem os recursos citados por Freitas (2007), assim como outros meios que possam contribuir com o ensino-aprendizagem dos alunos, como jogos, músicas, brincadeiras, teatros, brinquedos e o próprio livro didático. Estes recursos estão mais presentes nas escolas da Educação Infantil aos primeiros anos do Ensino Fundamental. Lima (2016) indica também os recursos lúdicos para contribuir no processo de construção da realidade com maior evidência.

Freitas (2007) orienta que no ambiente alfabetizador cada recurso possui sua finalidade e cita exemplos de recursos que podem auxiliar nas práticas alfabetizadoras das crianças com Síndrome de Down:

Quadro de escrever ou quadro giz/pincel: é prático, permite aos alunos a participação ativa durante as aulas, além da boa visualização, correção dos assuntos abordados. (FREITAS, 2007, p.89).

Livro didático: “considerado a âncora das práticas pedagógicas, mesmo em sociedades materialmente desenvolvidas”. Possibilita a leitura, realização de atividades e exercícios de leitura e escrita. (FREITAS, 2007, p.89).

Cartazes: tem por finalidade de motivar e demonstrar o conhecimento pelos alunos em uma unidade de ensino. Podem ser confeccionados pelos professores e alunos, levando em conta aspectos como ilustrações e o texto (FREITAS, 2007, p.36).

Álbum seriado: mais conhecido nas series iniciais do ensino fundamental, pode ser um excelente recurso visual. O álbum seriado é bastante versátil, podendo atender desde a educação infantil (ilustração de contação de histórias). (FREITAS, 2007, p. 41).

Vídeos e DVDs: têm contribuído para mudar o clima das aulas. Facilitam a compreensão do mundo real, dos fenômenos naturais (...). (FREITAS, 2007, p. 44)

Contudo, na sociedade contemporânea conforme sua evolução, outros tipos de recursos vão surgindo como meio de tornar as aulas atrativas e dinâmicas afim de proporcionar o alcance dos objetivos propostos nos planejamentos de ensino e contribuir com o ensino-aprendizagem dos alunos. Destaca-se a tecnologia e os novos recursos das TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação) para a educação como o blog, sites, salas virtuais e dentre outros.

Com o avanço das novas tecnologias no processo educacional, destaca-se como ferramenta importante para o processo de alfabetização e letramento os *softwares* desenvolvidos para as crianças com deficiência, como os jogos educativos/digitais. “O uso de jogos digitais como ferramenta de ensino já é realidade nas escolas, porém é pouco visto pela sociedade como uma forma de evoluir ainda mais o raciocínio lógico das crianças, bem como fazer parte do processo de inclusão digital” (CARVALHO, M. D., et al. 2017).

Exemplifica-se como importantes recursos didáticos para as práticas alfabetizadoras das crianças com Síndrome de Down, os seguintes jogos:

O Jecripe (Jogos de Estímulo Criado para Pessoas Especiais) foi lançado em 14 de abril de 2010, comumente conhecido como Jogo de Estímulo a Crianças com Síndrome de Down em Idade Pré-Escolar, foi desenvolvido para atender as pessoas com diferentes deficiências. As atividades inclusas nos aplicativos foram desenvolvidas de acordo com pesquisas realizadas por equipes multidisciplinares (BRANDÃO, A. L., & Joselli, M., 2015).

Playdown: O jogo estimula as atividades que instigam a curiosidade, disciplina, criatividade e interesse do indivíduo, e apresenta itens, como: criação e manipulação de imagens e figuras, e minijogos interativos com desafios de diferentes níveis. O jogo possui características que auxiliam no desenvolvimento da memória, raciocínio

lógico, coordenação motora e autodomínio, utilizando as formas, cores, números, entre outros (PLAYDOWN, 2017).

Jogo Movabletrando: é um jogo para crianças com Síndrome de Down com o objetivo de estimular as funções motoras e cognitivas para o auxílio à alfabetização. (FARIAS ET AL. 2013)

Os jogos descritos acima foram desenvolvidos especificamente para crianças com Síndrome de Down, dando-lhes a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, aguçar a criatividade, desenvolver a coordenação motora, percepção, memória e raciocínio lógico. Haydt (2006, p.175), comenta que “O jogo é uma atividade física ou mental organizada por um sistema de regras. Mobiliza os esquemas mentais de forma a acionar e ativar as funções psiconeurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento”. (HAYDT, 2006 p.175).

Além dos jogos educativos existem também os aplicativos voltados ao processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down como o Meu ABC Down desenvolvido por Almeida (2017).

Meu ABC Down: foi criado pensando na inclusão destas crianças, desenvolvido para tablets na plataforma Android que auxilia no processo de alfabetização e letramento dessas crianças. O objetivo desta é reduzir o impacto imposto pela deficiência, levando em consideração as especificidades deste público alvo tanto para a caracterização da ferramenta, quanto para a definição de suas funcionalidades. O aplicativo meu ABC Down permite associar as letras com os áudios (sons produzidos pelas crianças), imagens (capturados pelas crianças pela câmera do tablet) e o texto correspondente ao nome do “objeto”. (ABC DOWN, 2017, p.9)

Para alfabetizar e letrar as crianças com Síndrome de Down e de outras deficiências existem recursos didáticos adaptados para o processo de alfabetização e letramento, objetivando que este processo ocorra de forma lúdica e eficaz, conforme as limitações e possibilidades dos alunos atendidos. A “apresentação desses recursos, serve como ponto de partida para otimizar a eficiência cooperativa entre educando e professor no processo de ensino-aprendizagem, ao valorizar a diversidade como agente de transformação de consciência social, viabilizando o exercício da cidadania na construção de uma sociedade inclusiva” (BRASIL,2002, p. 3). Neste documento são apresentados recursos adaptados para contribuir na alfabetização das crianças com deficiência como:

Dominó das cores: “Facilita a nomeação das cores, a discriminação visual e a correspondência um a um. As peças ampliadas permitem melhor manuseio aos alunos com dificuldade de preensão” (BRASIL, 2002, p. 10).

Ábaco de argolas: “Auxilia na compreensão do sistema de unidades, na aquisição da noção de cores e permite trabalhar com movimentos de flexão e extensão de membros superiores” (BRASIL, 2002, p.28).

Caixa de estímulos: “Auxilia no ensino de cores, na aquisição de conceitos como dentro e fora, abrir e fechar, tirar e colocar. Auxilia, também, no treino da coordenação viso-motora”. (BRASIL, 2002, p.17).

Livro das texturas: “Trabalha a sensibilidade tátil e sinestésica, a discriminação de cores e texturas. A cada página o aluno encontra uma nova história com texto e ilustração” (BRASIL, 2002, p.36).

No ano de 2013, foi desenvolvido pelo Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ em parceria com o Movimento Down, um caderno intitulado “O to brincando”, parte de uma coleção de cadernos e catálogos com atividades voltadas para crianças com Síndrome de Down: Jogo de memória e atividades de escrita e leitura.

Portanto, é fundamental que as crianças com Síndrome de Down possam ser vistas além de sua deficiência e limitações, proporcionando-as práticas educativas potencializadoras para que elas desenvolvam os aspectos: cognitivo, linguístico, motor, autocuidado, afetivo, socialização e autonomia.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e objetivou investigar como os recursos didáticos podem contribuir para o processo de alfabetização e letramento da criança com Síndrome de Down no primeiro ano do Ensino Fundamental. Para Moreira (2002), a pesquisa qualitativa aborda características básicas como interpretar a situação em observação; tem como interesse o qualitativo e não o quantitativo do processo.

A fim de alcançar os objetivos desta pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema por meio de livros, artigos, dissertações, teses e documentos e a pesquisa de campo.

A pesquisa de campo ocorreu no período de 02 a 13 de março de 2020 no turno matutino em uma escola de educação especial da cidade de Parintins- AM. Lakatos e Marconi (2003, p.186), definem que “a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles”. Devido a pandemia do novo Coronavírus – COVID 19, as observações na escola foram interrompidas, causando modificações e adaptações nos instrumentos de coleta de dados da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram 8(oito) crianças com Down do primeiro ano do Ensino Fundamental e 3 (três) professoras alfabetizadoras. Schwartzman (1999, p.233), enfatiza que “a educação da criança SD é atividade complexa, entre outras razões pela necessidade de

introduzirem-se adaptações de ordem curricular que requerem cuidadoso acompanhamento dos educadores, dos pais, da sociedade e são indispensáveis para melhor definir os objetivos”.

Para a construção dos dados da pesquisa observou-se as práticas alfabetizadoras e os recursos didáticos utilizados para alfabetizar e letrar as crianças. Utilizou-se também um questionário com 13 (treze) perguntas abertas para as 3(três) professoras alfabetizadoras. Os questionários foram enviados e-mail e WhatsApp das professoras. Prodanov e Freitas (2013, p. 103) explicam que “a técnica de observação pode ser muito útil para a obtenção de informações. Mais do que perguntar, podemos constatar um comportamento”, e o “questionário numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção for feita pelo pesquisador, seu preenchimento será realizado pelo informante ou respondente” (2013, p.108). Por fim, foi feita a descrição, análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa a luz do referencial teórico adotado.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL: CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola onde ocorreu a pesquisa, segundo seu histórico, é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos, fundada em 24 de abril de 1985. A Instituição atende Educação Infantil (0 a 5 anos), subdividida em Estimulação Precoce e Estimulação Essencial; Anos iniciais do Ensino Fundamental (I e II Ciclo) e Educação de Jovens e Adultos/EJA (HISTÓRICO DA ESCOLA, 2006).

Na educação inclusiva “todas as crianças, sempre que possível, possam aprender juntas, independentemente de suas dificuldades e diferenças [...] as crianças com necessidades educacionais especiais devem receber todo apoio adicional necessário para garantir uma educação eficaz” (BRASIL, 2001, p.15).

As salas de aula da referida escola são organizadas de forma simples, com cadeiras e mesas normais para a realização de atividades e com objetos adaptados para as crianças com deficiência, algumas salas não têm cadeiras ou mesas, mas há no piso tapetes apropriados para aquelas crianças que não se locomovem sozinhas. A instituição ainda dispõe em sua estrutura física de sala da gestão, sala de informática, sala de recursos multifuncionais (AEE), refeitório, espaço para recreação e outras atividades, banheiros adaptados para crianças da Educação Infantil e para crianças com mobilidade reduzida. Durante a pesquisa na escola observou-se que para as crianças com dificuldades motoras há equipamentos para a locomoção das mesmas como cadeiras de rodas, cadeiras para alimentação para bebês.

O corpo docente da instituição foi renovado no ano de 2020, a maioria dos professores teve seu primeiro ano de trabalho na escola a partir deste ano, alguns docentes já possuem anos de experiência no processo educativo de crianças com deficiência, pois já foram monitores TEAS (Transtorno do Espectro Autista). Os docentes são acompanhados pela pedagoga da escola. O corpo docente é composto por profissionais formados em Pedagogia, alguns têm especialização em Educação Especial.

No processo de alfabetização e letramento, os educandos são atendidos por uma equipe multidisciplinar e têm acompanhamento dos profissionais: pedagoga, fisioterapeuta, fonoaudióloga e psicóloga. Os alunos são bem recebidos pelos educadores, a maioria deles usufruem do transporte coletivo (ônibus escolar), e alguns são acompanhados até a escola pelos seus responsáveis.

Na Educação Especial, a escola deve propor uma pedagogia diferenciada para o atendimento das necessidades especiais de crianças com deficiências, com a finalidade de “desenvolver uma pedagogia centralizada na criança, capaz de educar meninos e meninas, inclusive os que sofrem de deficiências graves” (BRASIL, 2001, p. 15). Down (2015, p. 14), ressalta que estes profissionais contribuem quando um desafio físico ou mental interfere na capacidade de se comunicar e realizar tarefas simples do dia a dia, como se vestir, brincar, tomar banho e realizar tarefas escolares podendo contribuir com informações importantes sobre o desenvolvimento neurológico e sensorio – motor, além de avaliar as habilidades da criança.

EDUCAÇÃO ESPECIAL: ATIVIDADES COTIDIANAS E AMBIENTE DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

A educação especial é uma das modalidades da educação voltada para o atendimento das pessoas com deficiências ou necessidades especiais, esta é vista como um dos caminhos de inclusão na escola, abrangendo alunos com deficiências e dificuldades de aprendizagem físicas, motoras, sensorial, múltiplas ou mental, bem como pessoas que apresentam características diferenciadas como os superdotados e os com altas habilidades. “A educação especial como modalidade da educação escolar, organiza-se de modo a considerar uma aproximação sucessiva dos pressupostos e da prática pedagógica social da educação inclusiva” (BRASIL, 2001, p. 9).

Deste modo, a educação especial não está distante das escolas regulares e das salas de aula comuns, uma vez que as escolas dos diferentes níveis e modalidades de ensino devem

atender alunos com deficiências, proporcionando a eles possibilidades de ensino-aprendizagem de acordo com suas deficiências.

Assim, no ambiente escolar deve-se haver a presença do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e sala de recursos como mecanismo de intervenção ao atendimento eficaz dos educandos com necessidades especiais, ou seja, o “AEE organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008, p. 8). Com o AEE nas escolas as crianças com deficiência são acompanhadas por profissionais especializados torna-se mais frequente. As salas de recursos oferecem recursos didáticos adaptados de acordo com as deficiências dos alunos na perspectiva de uma educação inclusiva.

A LDB nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), determina no Artigo 59 que os sistemas de ensino devem proporcionar aos educandos com necessidades especiais práticas educativas considerando os aspectos como:

I Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II. Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados (BRASIL, 1996, Capítulo V, art.59)

Corroborando Mantoan (2003, p.23) que o AEE “é necessariamente diferente no ensino para melhor atender às especificidades dos alunos com deficiência, abrangendo principalmente instrumentos necessários à eliminação das barreiras que as pessoas com deficiência naturalmente têm para relacionar-se com o ambiente externo (...)”

Destaca-se ainda a importância da formação do profissional que irá acompanhar os alunos com deficiência, uma vez que são exigidos “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (LDB / 96, Art. 59. Parágrafo 3).

No que tange a educação de crianças com Síndrome de Down, há a necessidade de que ocorra um planejamento de ensino voltado para as especificidades e necessidades destas crianças, uma vez que o processo ensino-aprendizagem é diferenciado das demais crianças. Elas apresentam um ritmo mais lento, o que requer adaptações de ordem curricular. As atividades educativas devem ser trabalhadas com base no desenvolvimento de suas habilidades, uma vez que elas possuem dificuldades quando se trata de abstração, portanto os recursos lúdicos, palpáveis são mais recomendados. “As crianças com Síndrome de Down não

apenas levam mais tempo para se desenvolver e, portanto, precisam de um currículo mais diluído. Elas têm, em geral um perfil de aprendizagem específico com pontos fortes e fracos característicos” (BRASIL, 2008, p.1).

A maioria dos alunos com Down que estudam na instituição pesquisada são jovens e adultos, havendo poucas crianças. Havia no período da pesquisa, 8 (oito) crianças com Síndrome de Down na instituição, sujeitos desta pesquisa. As turmas eram formadas por alunos de diferentes idades na faixa etária de 6 a 11anos. As crianças investigadas têm cor parda, estatura média, são extrovertidas, porém, não se comunicavam muito bem, possuem dificuldades na linguagem. São crianças muito afetivas, calmas e gostavam de participar das atividades recreativas e de pinturas. No ambiente escolar elas abraçavam, conversavam com os professores e colegas de turma, eram alegres, não apresentavam comportamentos agressivos, ao executar atividades externas à sala de aula havia interação destas crianças com os demais educandos, compartilhavam os brinquedos, esperavam sua vez para realizar as atividades.

Na educação da criança com Down, é importante levar em consideração os aspectos como a linguagem atrasada, problemas de compreensão, dificuldades em compreender instruções ou comandos. “Um dos fatores que impedem a expansão da linguagem que apresentam para usar gestos, valendo-se deles para expressar o que desejam, sem fazer uso da linguagem oral” (SCHWARTZMAN, 1999 p. 247).

As crianças ao adentrar no ambiente escolar, eram direcionados pelos professores às salas de aula, aqueles alunos que não tinham tomado café em sua casa se dirigiam ao refeitório, onde poderiam alimentar-se e retornar para a sala de aula.

Quanto a realização de atividades recreativas na área externa da escola, uma vez por semana eram realizadas atividades recreativas com o auxílio de um educador físico e a professora da turma. As atividades psicomotoras objetivam contribuir no desenvolvimento motor dos educandos, como andar em linha reta, brincar com o bambolê, atividades voltadas ao movimento do corpo, porque as crianças com Síndrome de Down precisam que sua musculatura corporal esteja sempre em movimento devido a presença da hipotonia muscular, ou seja, moleza, diminuição da força e flacidez. Além de atividades internas a escola realizava atividades fora da escola como visitas a outras instituições, gincanas, apresentações teatrais etc., em parceria com a família dos educandos, visando fortalecer a relação escola e família.

Os pais podem ser nossos grandes aliados na reconstrução da nova escola brasileira. Eles são uma força estimuladora e reivindicadora dessa tão almejada recriação da escola, exigindo o melhor para seus filhos, com ou sem deficiências, e não se

contentando com projetos e programas que continuem batendo nas mesmas teclas e maquiando o que sempre existiu (MANTOAN, 2003.p. 30)

O ambiente alfabetizador da escola era limpo, arejado e bem organizado. Nas salas de aula haviam cartazes com cores neutras, os quais não chamavam muita atenção dos alunos. Na sala de recursos estavam organizados os recursos didáticos como alfabeto móvel, jogo de números, pega vareta das cores, dominó de animais, e outros jogos, estes adaptáveis ao processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down. Havia também neste ambiente recursos didáticos palpáveis como os recursos de tecnologia assistiva e pranchas de comunicação.

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (COMITÊ DE AJUDAS TÉCNICAS, 2007, - ATA VII).

As crianças também desenvolviam atividades na sala de informática para contribuir com o desenvolvimento da musculatura e da escrita, ajudando-as a interiorizar movimentos e novas informações com repetições cotidianas das mesmas, assim como as pranchas de comunicação que auxiliam na memorização. Desta forma, em todos os espaços da escola as crianças participam de atividades que visam o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento. “Um ambiente alfabetizador não é apenas aquele em que aparecem diferentes tipos de texto, é mais que isso: é aquele que tem diferentes tipos de texto que são consultados frequentemente, com diferentes funções sociais” (LOPES, 2010 p. 6).

4.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

A criança com Down assim como as demais crianças passam pelo processo de aquisição de leitura e escrita, visto que as mesmas fazem parte de uma sociedade letrada onde a leitura e a escrita estão presentes na vida de cada cidadão. No processo de alfabetização e letramento inicia-se o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, interpretação textual principalmente nos primeiros anos de escolarização onde,

A ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018 p. 59).

Porém, alfabetizar e letrar vai muito além do decodificar letras, números, envolve conhecimentos aprofundados da vida dos alunos, da visão que os mesmos têm do mundo, e da concepção que o professor tem sobre alfabetização. Todavia, junto ao processo de alfabetização há o letramento, que na visão de Soares (1998, p. 47), “Alfabetização: ação de ensinar/aprender a ler e a escrever. Letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Ou seja, o letramento é a parte experiencial da vida do indivíduo e a importância da leitura e da escrita e seus impactos para a vida cotidiana.

No processo de alfabetizar e letrar, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2018).

No contexto educacional é importante conhecer a concepção dos professores sobre o processo de alfabetização e letramento, neste sentido, foram coletadas por meio um questionário concepções dos três professores alfabetizadores da escola pesquisada acerca deste processo e como o mesmo ocorre na vida da criança com Síndrome de Down. Os professores comentaram sobre a alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down.

Utilizamos os pressupostos fônicos (som e letra), por ser o mais fácil de ser internalizado pelos alunos, pois o processo de alfabetização e letramento é complexo e singular que tornam o processo mais lento devido os problemas na fala e linguagem, dificuldades na memória de curto prazo, orientação espacial, na resolução de problemas e habilidades motoras finas, esta compromete diretamente na aquisição da habilidade de escrever e ler dos alunos com síndrome de Down, de posse dessa informação adotamos o trabalho escrito através de tracejados em linhas grossas e bem legível. (Professor A)

Ocorre através de atividades práticas, por meio de falas simples, de fácil compreensão pela criança, bem como conteúdos adaptáveis ao nível de conhecimento da mesma e pelo oferecimento de suporte visual e concreto. (Professor B)

Este é um processo longo, uma pratica de repetições diárias pois devido o comprometimento intelectual, hoje se aprende, amanhã já não se sabe. A memória precisa ser estimulada a todos os momentos no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. (Professor C).

Na concepção dos professores a escola utiliza o método fônico como caminho mais fácil para que o processo de alfabetização e letramento da criança com Down ocorra, este método envolve a associação do som com a letra dita. Capovilla (2004), explica que o método fônico é um método de alfabetização que prioriza o ensinar dos sons das letras e em seguida constrói a mistura destes sons para alcançar a pronúncia completa da palavra.

Conforme os estudos de Adams (2007, p. 19), “antes de ter qualquer compreensão do princípio alfabético, as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são os mesmos sons da fala”. Nesse processo de alfabetizar, o método fônico ajudará a criança a entender que o que se fala pode ser escrito no papel, e, para a criança com Down a repetição constante dos sons das letras contribuirá para estimular a memória e desenvolvimento da fala.

Lopes (2010, p 6), orienta que “é importante fazer da sala de aula um espaço onde ricos estímulos de aprendizagem estejam sempre presentes, pois é um ambiente que promove um conjunto de situações de uso real de leitura e de escrita, os educandos têm a oportunidade de participar”.

Nas práticas alfabetizadoras a escola pesquisada busca unir o conhecimento de mundo das crianças com o conhecimento científico que se apresenta na proposta curricular, com adaptações dos conteúdos e dos recursos didáticos para as práticas alfabetizadoras.

Schwartzman (1999, p. 246), orienta que “para ser alfabetizada, a criança precisa estar socialmente em contato com a escrita, da mesma maneira que precisou interagir com a linguagem oral para adquiri-la”. É importante que o processo de alfabetização da criança com Síndrome de Down, não seja fique centralizado somente no ato de aprender a escrever ou ler propriamente dito.

4.4 RECURSOS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS PARA ALFABETIZAR E LETRAR CRIANÇAS DOWN

Para contribuir no pleno desenvolvimento das crianças nas atividades de alfabetização e letramento, os professores tendem a utilizar diferentes estratégias e recursos didáticos que sejam significativos e chamam atenção das mesmas. Entende-se por estratégias pedagógicas os diversos procedimentos planejados e implementados pelos professores com a finalidade de atingir seus objetivos de ensino. Estas ações envolvem métodos, técnicas como meios para acessar, produzir e expressar o conhecimento. Para além de boas estratégias é de fundamental importância a utilização de diferentes recursos didáticos nas práticas alfabetizadoras. Santos e Belmino (2013, p. 1: 3) comentam que,

[...] os recursos didáticos são componentes do ambiente educacional que estimulam os educandos, facilitando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem [...] os recursos didático-pedagógicos são componentes do ambiente educacional estimuladores do educando, facilitando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, tudo o que se encontra no ambiente onde ocorre o processo ensino-aprendizagem pode se transformar em um ótimo recurso didático, desde que utilizado de forma adequada.

Na perspectiva do desenvolvimento eficaz do processo de alfabetização e letramento é fundamental que o professor realize um bom planejamento de ensino voltado para a aquisição da leitura, escrita, oralidade e para sanar as dificuldades de cada criança com Down. Souza (2007, p. 112 - 113), orienta que:

[...] utilizar recursos didáticos no processo de ensino - aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas.

Os recursos didáticos podem ser industrializados ou confeccionados pelos professores e são utilizados de acordo com o planejamento de ensino, considerando as necessidades dos educandos. Conforme os professores, os recursos didáticos para alfabetizar e letrar as crianças com Síndrome de Down são:

Os recursos mais indicados são os concretos e a repetição para assim as crianças memorizarem, é importante evitar de exigir muito o raciocínio abstrato, pois para as crianças com Síndrome de Down é muito mais difícil para o seu processo de alfabetização. (Professor B)

Não existe um recurso didático específico, pois a grade curricular é diversificada, com isso é preciso fazer a adaptação curricular necessária para que a aprendizagem seja satisfatória. (Professor C)

Nos relatos dos professores é possível evidenciar que no percurso da alfabetização e letramento destas crianças é indicado a utilização de materiais concretos, onde o abstrato não é recomendável, pois,

A memória visual favorece a aprendizagem, já que a memória auditiva tem mostrado ser um dos aspectos mais difíceis na Síndrome. Dessa forma, situações de aprendizagem devem privilegiar informações visuais, que terão maior possibilidade de ser processadas pela criança com SD. (SCHWARTZMAN, 1999 p. 279)

Os recursos didáticos devem ser adaptados de acordo com as necessidades dos alunos, desta forma os planejamentos de ensino e a organização ou construção de recursos de didáticos para as práticas alfabetizadoras são de fundamental importância. Os professores comentaram acerca do planejamento de ensino para o processo de alfabetização da criança com Síndrome de Down.

O planejamento bimestral se inicia com o repasse das informações pela gestora e pela pedagoga e após por série as professoras se reúnem para a troca de experiência e elaboração do planejamento. Vale enfatizar, que procuramos planejar as atividades utilizando de recursos diferenciados com base em aspectos vivenciados por eles, com recursos audiovisuais, considerando os saberes prévios e o interesse dos alunos. (Professora A)

Em primeiro lugar é importante ressaltar que o processo de aprendizagem já é diferente de pessoa pra pessoa e é ainda mais particular para quem tem Down.

Então, respeitando a particularidade de cada aluno, os planejamentos são feitos primeiramente de forma ampla de acordo com a série do aluno e, em seguida esmiuçado em planos diários, contendo além das atividades escritas e de leituras, também a ludicidade, onde inclui jogos, músicas, brincadeiras e outras atividades divertidas para eles. (Professora B)

Na escola participo junto aos professores do planejamento quinzenal e por conseguinte fazemos a adaptação curricular de acordo com a necessidade educacional do aluno em questão. Trabalha-se com material concreto viso motor. (Professora C)

A partir dos comentários dos professores observou-se que os planejamentos de ensino são realizados quinzenalmente e bimestralmente, tendo como centro do processo educativo a criança com Down e suas particularidades, buscando sanar as necessidades educacionais e ampliar o processo de alfabetização e letramento destas crianças.

Observou-se nas práticas alfabetizadoras da escola pesquisada que os professores também realizavam para alfabetizar e letrar estratégias como rodas de conversa, contação de histórias, músicas buscando incentivar os alunos ao exercício do desenvolvimento da linguagem e da socialização, assim “a alfabetização se concretiza em eventos que se situam dentro de uma sala de aula liderados por um especialista (o professor) que se encarrega sistematicamente as regras de funcionamento e uso do código alfabético aos iniciantes no assunto (os alunos)” (KLEIMAN, 2010, p.13).

No que se refere aos recursos didáticos para auxiliar nas práticas alfabetizadoras das crianças com Síndrome de Down, os professores destacaram:

Procuramos despertar o interesse dos alunos com material lúdico, jogos, músicas com movimento, materiais impressos, leitura de textos ilustrativos, pinturas com tinta guache, encaixes e atividades físicas. (Professor A)

Os recursos didáticos e os tecnológicos, pois na escola tem a sala de informática e contém vários jogos de memória, entre outros que contribuem com a alfabetização das crianças, bem como outros na sala de recursos e construção de recursos com materiais recicláveis. (Professor B)

Recursos da Tecnologia Assistiva e construção de jogos com materiais recicláveis. (Professor C)

Na visão de Lopes (2010, p 10), ao utilizar da “tecnologia em práticas sociais de leitura e escrita faz-se uso do letramento”. Os jogos são importantes no cotidiano escolar das crianças uma vez que

[...] enquanto joga, o aluno desenvolve a iniciativa, a imaginação, o raciocínio, a memória, a atenção, a curiosidade e o interesse, concentrando-se por longo tempo em uma atividade. Cultiva o senso de responsabilidade individual e coletiva, em situações que requerem cooperação e colocar-se na perspectiva do outro. Enfim, a atividade lúdica ensina os jogadores a viverem numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. (FORTUNA, 2003, p. 3)

Na perspectiva de conhecer os recursos utilizados nas práticas alfabetizadoras, foi questionado aos professores: A escola possui recursos didáticos adaptados para alfabetizar crianças com Síndrome de Down? Quais são os recursos? De acordo com os professores os recursos são:

Cada professor faz adaptação de seu material de acordo com a necessidade da turma. (Professor A)

Sim, sendo eles: caixa sensorial, pranchas de comunicação, vida diária e prática, jogos de memória, livros ilustrativos, alfabeto móvel, jogo das palavras, etc. (Professor B)

Alfabeto móvel, jogo dos Numerais, pega vareta das cores, Dominó dos animais, Silabário e dentre outros. (Professor C)

Além dos recursos de tecnologia assistiva, a escola dispõe de outros recursos didáticos, estes palpáveis, como jogos de memória livros ilustrativos e alfabeto móvel e etc., que contribuem não só com o desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de Down, mas com o desenvolvimento sensório motor das mesmas. Cerqueira e Ferreira (2000, p. 24) evidenciam que “talvez em nenhuma outra forma de educação os recursos didáticos assumam tanta importância como na educação especial de pessoas deficientes”.

Para tanto, a escola proporciona aos alunos Down, diferentes recursos didáticos no processo de alfabetização e letramento, uma vez que os professores utilizam nas práticas alfabetizadoras, tanto recursos industrializados quanto recursos confeccionados por eles, considerando os pressupostos da ludicidade e os recursos das novas tecnologias de informação e comunicação.

Nas práticas pedagógicas predominam a experimentação, a criação, a descoberta, a co-autoria do conhecimento. Vale o que os alunos são capazes de aprender hoje e o que podemos oferecer-lhes de melhor para que se desenvolvam em um ambiente rico e verdadeiramente estimulador de suas potencialidades. (MANTOAN, 2003 p.34)

A utilização dos diversos recursos pedagógicos no processo de alfabetização e letramento das crianças com Down é essencial, não somente para a aquisição da leitura e da escrita, mas para o desenvolvimento global do aluno. Os recursos didáticos proporcionam o desenvolvimento da coordenação motora, preensão tátil, assim como o desenvolvimento cognitivo, linguístico, social, considerando também os recursos tecnológicos como os jogos educativos, aplicativos e vídeos. Estes recursos compõem o ambiente alfabetizador da criança com Down, porém é necessário que o professor busque sanar as necessidades e dificuldades de aprendizagem e possam ampliar o processo de alfabetização e letramento destas crianças, considerando o planejamento de ensino e o desenvolvimento de práticas alfabetizadoras

potencializadoras de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Matoan (2003, p.20) ressalta que,

Nossas ações educativas têm como eixos o convívio com as diferenças e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula (MANTOAN, 2003. p.20)

Alfabetizar letrando através das práticas educativas em sala de aula ou em outros ambientes tem importante papel na inclusão das crianças com Down, deste modo, é essencial que ao planejar uma determinada prática pedagógica se busque perguntar que sentido a mesma terá na vida dos alunos, qual a aprendizagem que será construída seja de forma individual ou de forma coletiva para a inserção dos alunos na cultura letrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível pesquisar sobre a Síndrome de Down com suas características morfológicas e fisiológicas, conhecer as possibilidades para o processo de alfabetização e letramento das crianças com Down, considerando os diversos recursos didáticos que podem contribuir para este processo, assim como conhecer o ambiente alfabetizador de uma escola de Educação Especial no Município de Parintins - AM.

A observação participante das práticas alfabetizadoras foi fundamental para conhecer o ambiente alfabetizador da criança com Down e os recursos didáticos, porém, devido a pandemia do novo Coronavírus – COVID 19, foi possível observar as práticas de alfabetização e letramento por apenas duas semanas. Com a pandemia, as escolas pararam suas atividades, sendo assim foram feitas algumas modificações na pesquisa, estava previsto no projeto de pesquisa a realização de oficinas de alfabetização e letramento com a utilização de diferentes recursos didáticos, assim como entrevistas com os professores alfabetizadores. As entrevistas foram substituídas por questionários, os quais foram enviados por e-mails e whatsapp dos professores. Houve também resistência de alguns profissionais para o preenchimento do questionário. Ainda em meio a pandemia houveram os desafios pessoais da pesquisadora, a qual teve crise de ansiedade e momentos de insônia, causando cansaço durante o desenvolvimento da pesquisa, assim como os desafios para concluir a pesquisa.

Todavia, evidenciou-se que o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down acontece de forma lenta e diferenciada, exigindo planejamento, organização do ambiente e formação do professor alfabetizador. As práticas alfabetizadoras são pautadas no método fônico que na visão dos professores permite uma melhor

compreensão da linguagem, partindo de pequenas partes (letras) para o todo (palavras) e do concreto para o abstrato, observando continuamente as dificuldades dos alunos quanto a aquisição da leitura, da escrita e da oralidade.

O corpo docente utiliza nas práticas de alfabetização e letramento diferentes recursos didáticos que contribuem para proporcionar o desenvolvimento integral dos alunos, por meio de jogos didáticos, pranchas de comunicação, alfabeto móvel e tecnologia assistiva, assim, como atividades lúdicas e recursos das novas tecnologias de informação e comunicação, conforme os planejamentos de ensino realizados periodicamente com orientação da pedagoga e da equipe multidisciplinar da instituição.

A escola desenvolve um trabalho contínuo no processo de alfabetização e letramento das crianças com Down, acompanhando frequentemente o desenvolvimento e aprendizagem destas crianças por meio de uma equipe multidisciplinar de educadores, levando em consideração o desenvolvimento dos aspectos relacionados a linguagem, ao desenvolvimento sensório-motor, cognitivo, e sociocultural dos educandos, partindo do pressuposto de que as crianças com Down possuem grande potencial de aprendizagem, por isso são capazes de atuar na sociedade letrada como qualquer pessoa dita “normal”, como também aprender a ler, interpretar e escrever textos, mas para que isso ocorra, o processo de alfabetização e letramento precisa acontecer de forma progressiva, planejada, dialogada e com profissionais qualificados para atender as especificidades e necessidades de cada aluno.

Portanto concluiu-se que os objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, em vista que os recursos didáticos são essenciais no processo de alfabetizar e letrar as crianças com Síndrome de Down, uma vez que facilitam, enriquecem as práticas alfabetizadoras e contribuem no desenvolvimento das habilidades de oralidade, leitura, escrita na perspectiva da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Marilyn Jager. FOORMAN, Barbara R. LUD BERG, Ingvar. BEELER, Terri. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Artmed Editora – São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Josimar Alves de. Meu ABC DOWN: aplicativo para alfabetização e letramento de crianças com Síndrome de Down. Publicado em nov. de 2017 - Congresso Nacional de Educação (CONEDU). João Pessoa –PB. Disponível em : <https://www.dropbox.com/sh/ru56ok07rtgv0k7/AABaP5okxVealfvzh92KWmdLa?dl=0> . Acesso em 10 de fev. 2020.

BRANDÃO, A. L., & Joselli, M. **Jecripe 2: estimulação da memória , atenção e sensibilização fonológica em crianças com Síndrome de Down**. 2015.

BRASIL, Instituto Inclusão. **Incluindo alunos com Síndrome de Down na escola**. Disponível em: <https://intitutiinclusaobrasil.com.br/incluindo-alunos-com-sindrome-de-down-na-escola>. Acesso em 20 de julho de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional comum curricular. Língua Portuguesa**. Ed. atualizada 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001, p.15.**

BRASIL, Ministério da Educação. Política de Educação Especial na perspectiva inclusiva. SEESP/MEC;01/2008. Disponível em: https://www.pmf.rs.portal/AEE_apresentacao_completa_01_03_2008.pdf . Acesso em 27 de julho de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – nº 9.394. MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down** – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos pedagógicos adaptados / Secretaria de Educação Especial - Brasília: MEC: SEESP, 2002, fascículo 1.**

BRASIL, Movimento Down. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/06/diagnostico-da-sindrome-de-down-durante-a-gravidez/>. Acessado em 28 de jul de 2021.

CAPOVILLA, Fernando Cezar, CAPOVILLA, Alessandra G. Seabra. **Alfabetização: Método Fônico**. São Paulo: Mennon, 2004.

CASTRO, Antonilma Santos Almeida. PIMENTEL, Susana Couto. **Atendimento educacional específico**. Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2019.

CAT. **Ata da Reunião VII**, de dezembro de 2007, Comitê de Ajudas Técnicas, Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. (CORDE/SEDH/PR). Disponível em: http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/Comitê%20de%20Ajudas%20Técnicas/Ata_VII_Reunião_do_Comite_de_Ajudas_Técnicas.doc. Acesso em: 23 julho. 2020.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. Rio de Janeiro: **Revista Benjamin Constant**, nº 5, dezembro de 1996. p.15-20.

CRUZ, F. de A. O. **Pesquisa do projeto Rio Down Faoc/97**. Disponível em: www.caiquearantes.hpg.ig.com.br/SÍNDROME.htm Acesso em:01 de setembro/2019.

DO VALLE, H. S; ARRIADA, E. “Educar para transformar”: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistêmica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012.

BRASIL, Associação Baiana de Síndrome. **Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down**. Governo do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.serdown.org.br>. Acesso em 28 de set de 2019.

ESCOLA, Histórico da. **Associação Pestalozzi de Parintins**. 2006, p.1.

FARIAS, E. H. HOUNSELL, M. D. BLUME, L. B. et al. Movabletrando: jogo de movimentos para alfabetizar crianças com Down. In: **Anais do Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**. Vol. 24.

FERRARINI, Ana Cristina. **A criança com Síndrome de Down na educação infantil: Uma pesquisa bibliográfica**. 2016. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2016.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FORTUNA, Tânia R. **Jogo em aula: recurso permite repensar as relações de ensino aprendizagem**. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 75, p. 15- (Programa Escola Ativa)

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8.ed. – São Paulo: Ática, 2006

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005 – 2010. 65 p.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005 – 2010. 19 p.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005 – 2010. 13p.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo, Atlas, 2003, p. 186.

LIMA, Ana Cristina Dias Rocha. **Síndrome de Down e as práticas pedagógicas**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LOPES, Janine Ramos. ABREU, Maria Celeste Matos de. MATTOS, Maria Célia Elias **Caderno do educador : alfabetização e letramento 1**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Tereza E. **Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar)

MILLS, Nancy Derwood. **A educação da criança com Síndrome de Down**. SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down. 2. Ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PELOSI, Miryam Bonadiu. Sousa, Vera Lúcia Vieira de. BRITO, Danielle Abranches. **Caderno de Atividades: Jogo Super Memória / .** - Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e Movimento de Ação e Inovação Social/ 2013. 16 p.; (Coleção TO Brincando – Caderno de Atividades; V.3)

PlayDown. Games gratuitos para crianças com Síndrome de Down. *Disponível em:* <<http://www.aredo.inf.br/gamesgratuitos-para-criancas-com-sindrome-de-down>>. Acessado em 8 de fev. de 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. São Paulo: Moderna, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SABER, Instituto Neuro. Disponível: <https://institutoneurosaber.com.br/qual-a-diferenca-entre-sindrome-e-transtorno/>. Acessado em 27 de jul de 2021.

SANTOS, O. K. C.; BELMINO, J. F. B. Recursos didáticos: uma melhoria na qualidade da aprendizagem. In: **FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA**, 5, Vitória da Conquista, 2013. *Anais do V FIPED*. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito__fde094c18ce8ce27adf61aedf31dd2d6.pdf> Acesso em 19 julho.2020

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo. Ed. Mackenzie, 1999.

SCHWARTZMAN, José Salomão e colaboradores. **Síndrome de Down**. Ed. Mackenzie. São Paulo, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p.47.

SOUZA, Salete Eduardo de. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM**, Maringá, 2007. *Arq. Mudi. Periódicos*. Disponível em: http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.df. Acesso em: 22 julho. 2020.

TRONCOSO, Maria Victoria e Del Cerro, Maria Mercedes. **Síndrome de Down: Leitura e Escrita** - Cantabria, Espanha. Masson S.A. - 1998.

TRONCOSO, Maria Victoria e Del Cerro, Maria Mercedes. **Síndrome de Down: leitura e escrita** – Cantabria. Espanha. Masson S.A, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de observação das práticas pedagógicas

Local:

Objetivo: Conhecer as práticas alfabetizadoras e quais os recursos didáticos que contribuem no processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down.

Período:

Horário de início da aula: _____

Término da aula: _____

Turma: _____ Nº de alunos: __ datas: _____

1- Chegada, recepção e saída das crianças na escola

- Atividades realizadas;

2- Espaço físico da escola: ambiente alfabetizador das crianças com Síndrome de Down

- Concepção de inclusão e alfabetização;
- Organização do ambiente alfabetizador;
- Recursos didáticos do ambiente alfabetizador;

3- Práticas pedagógicas: processo de alfabetização e letramento

- Caracterização dos alunos;
- Caracterização do professor alfabetizador
- Planejamento das aulas, registro e avaliação das atividades;
- Atividades internas e externas para a alfabetização;
- Tempo das atividades propostas;
- Recursos didáticos;
- Relação criança-criança;
- Relação professor x criança;
- Atividades alfabetizadoras com recursos adaptados;
- Recursos utilizados no processo de alfabetização e letramento e quais favorecem o processo de alfabetização e letramento;
- Instrumentos de avaliação;
- Acompanhamento das crianças pelo professor alfabetizador e de outros profissionais (Fonoaudiólogo, pediatra, enfermeiro etc);

4- Relação escola x família

- Relação professor x pais;
- Atividades de interação Escola e família;

APÊNDICE B - Questionário da pesquisa aplicado com os professores

Acadêmica:

E-mail:

Local:

Objetivo: Conhecer a prática pedagógica do professor alfabetizador e quais recursos didáticos utilizados no processo de alfabetização e letramento da criança com Síndrome de Down.

- 1- Qual sua formação? Há quanto tempo trabalha com o processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down?
- 2- Como são realizados os planejamentos para a alfabetização e letramento de crianças com Síndrome de Down?
- 3- Qual a sua concepção de alfabetização e letramento para crianças com Síndrome de Down?
- 4- Quais os desafios enfrentados em sua prática pedagógica para a alfabetização de crianças com Síndrome de Down?
- 5- Como ocorre o processo de alfabetização e letramento de crianças com Síndrome de Down?
- 6- Quais recursos são utilizados para o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down?
- 7- A escola possui recursos didáticos adaptados para alfabetizar crianças com Síndrome de Down? Quais?
- 8- Quais os recursos didáticos mais indicados para o processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down durante as aulas?
- 9- Na sua concepção quais os recursos tecnológicos mais indicados para a alfabetização de crianças com Síndrome de Down?
- 10- Quais os desafios encontrados no processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down?
- 11- Quais os recursos didáticos disponibilizados na escola para o ato de alfabetizar e letrar?
- 12- Como ocorre o processo de formação contínua dos professores para o processo de alfabetização e letramento? Com que frequência? Quais os cursos propostos nesta formação?
- 13- Quais as contribuições da família das crianças para o processo de alfabetização e letramento das crianças com Síndrome de Down?

ANEXO A - Carta de Apresentação



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia

OFÍCIO N° 05/2020 – CP/ICSEZ/UFAM

Parintins, 21 de fevereiro de 2020.

Ao (a) Gestora da Escola de Educação Especial Gláuber Viana Gonçalves
(Pestalozzi)
Ilma. Sra. Dalva Maria Ribeiro Nascimento

Assunto: Realização da pesquisa de iniciação científica

Senhora Gestora,

Ao cumprimentá-la cordialmente, solicitamos de Vossa Senhoria autorização para que a acadêmica Ana Eline Ribeiro Peixoto, Matrícula 21651774, desenvolva nesta escola uma pesquisa de campo do projeto “**Os recursos didáticos no processo de alfabetização e letramento da criança com Síndrome de Down**”, no primeiro semestre de 2020, como critério para a conclusão do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Amazonas/UFAM, sob a orientação da professora Dra. Maria das Graças Pereira Soares. Ao mesmo tempo esperamos contribuir com a instituição no sentido de dar visibilidade aos processos educativos vividos cotidianamente por estudantes e professores no contexto amazônico.

Desde já externamos nos agradecimentos,

Atenciosamente,

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia
Maria das Graças Pereira Soares
Prof.ª Dra. Maria das Graças Pereira Soares
Professora do Curso de Pedagogia
SIAPE: 1719579

Gláuber da S. Lima